3 - Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem

com a palavra o adolescente

Francineide Sales da Silva
Maria Lúcia Serafim

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, FS., and SERAFIM, ML. Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem: com a palavra o adolescente. In: SOUSA, RP., *et al.*, orgs. *Teorias e práticas em tecnologias educacionais* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp. 67-98. ISBN 978-85-7879-326-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

3

REDES SOCIAIS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: COM A PALAVRA O ADOLESCENTE

Francineide Sales da Silva
Maria Lúcia Serafim

INTRODUÇÃO

Vive-se numa sociedade de constantes transformações e a internet é responsável por grandes mudanças, no mundo atual, contribuindo positivamente em diversos setores da nossa sociedade. Sendo utilizada por vários setores da sociedade como escolas, faculdades, empresas e diversos locais, possibilitando acesso às informações e notícias do mundo em apenas um *click*.

Em 2006, surgiram as redes sociais e o *Orkut* tornou-se o preferido dos internautas. Logo depois, outras redes sociais como, por exemplo, o *Facebook*, *Blog* e o *Twitter*. Essas Redes Sociais fazem parte do cotidiano da maioria dos usuários da internet e são utilizadas para vários fins como: obtenção do perfil de um usuário por revelar traços de comportamento e isso é aproveitado até para uma seleção de emprego, para interesses pessoais, formação de grupos de estudo, como também descoberta de novos amigos ou novas informações sobre determinado assunto.

Além do mais, as redes sociais são inteligentes e democráticas, pois as pessoas expõem suas preferências, facilitando o trabalho das empresas, quando realizam ações voltadas para seu público-alvo, na criação de novos produtos ou quando se decide trabalhar mais em um determinado produto para atender o público de maneira satisfatória de acordo com suas preferências.

As redes sociais também estão cada vez mais presentes no dia a dia de alunos e professores, no entanto, essas ferramentas ainda não são muito exploradas em sala de aula. Na maioria dos casos, as escolas não permitem o acesso a esse tipo de rede social em função do “medo” de que o aluno se interesse por assuntos que não estejam diretamente ligados aos estudos de sala de aula.

Este texto é um estudo sobre “Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem: com a palavra os adolescentes”, e traz reflexões em torno do melhor aproveitamento destes espaços virtuais no processo de ensino e aprendizagem dos adolescentes, pois estes são o que se pode evidenciar como geração interativa. É fruto de estudo monográfico, sendo de natureza qualitativa exploratória, e os dados foram coletados através de um questionário semiestruturado em duas escolas, uma da rede pública Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Humberto Lucena e outra da rede privada Espaço Educacional Carmela Veloso no Município de Campina Grande-PB. A pesquisa ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2010. Os respondentes do estudo foram 18 alunos da escola pública e 30 da escola particular que cursam o 1º ano do ensino médio. A faixa etária dos adolescentes está entre 14 e 17 anos de idades.

O objetivo geral do estudo foi o de buscar, através da fala dos adolescentes, como está se constituindo a relação destes com as redes sociais da internet, tendo em vista as implicações desta relação

para o processo de ensino e aprendizagem. E como específicos: dar voz a geração interativa sobre o uso das redes sociais na escola e verificar se as redes sociais do ciberespaço formado a partir de sites de relacionamentos favorecem as relações de ensino e aprendizagem entre aluno e professor.

Acredita-se na possibilidade de que as redes sociais do *ciberespaço* possam vir a favorecer a interação e socialização dos processos desenvolvidos na escola. E podem contribuir significativamente com o trabalho do professor quando utilizadas de forma pedagógica.

AS TECNOLOGIAS NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A sociedade atual está vivendo um processo de profundas mudanças em que as tecnologias são as principais responsáveis. Alguns autores já consideram isto um novo paradigma da sociedade e denominam como Sociedade da Informação¹. Essa nova sociedade baseia-se no conhecimento e encontra-se em processo de formação e expansão por todo o mundo, desempenhando um papel importante e fundamental na produção de riquezas e na contribuição para o bem-estar e qualidade de vida dos cidadãos.

A crescente evolução das tecnologias de informação e comunicação vem criando um novo contexto virtual e, sobretudo, novas maneiras de interagir no espaço cibernético. A internet é responsável por grandes transformações sociais e culturais e tornou-se indispensável para a sociedade, pois atualmente 80 % da população têm acesso a ela, que é considerada um importante canal mundial de

1 Sociedade da informação é um termo que também pode ser chamado de Sociedade do Conhecimento, surgiu no fim do Século XX, vinda da expressão Globalização.

distribuição de bens, serviços e empregos provocando grandes mudanças na economia, nos mercados e nas indústrias, além de influenciar no comportamento dos consumidores; nos mercados de trabalho e de emprego, pois existem inúmeras oportunidades que podem ser exploradas como conhecer lugares virtualmente, fazer cursos a distância, trabalhar pela internet, conhecer empresas e pessoas, etc.

Para Moran (1994), a internet também está começando a provocar mudanças profundas na educação. As tecnologias permitem um novo encantamento na escola, possibilitam que alunos conversem e pesquisem com outros alunos da mesma cidade, país ou do exterior, no seu próprio ritmo. E numa sociedade que se desenvolve, de modo célere, as possibilidades tecnológicas estão se tornando acessíveis e os alunos de hoje em dia estão mais “antenados” com essas tecnologias versáteis.

É o que aponta a educadora Bencini (2002), quando se refere à Era da Informação como um fato consumado e que, a cada dia, os alunos estão mais conectados, mas precisam da ajuda do educador para aprender a interpretar, pois adepto ou não às inovações tecnológicas, os professores devem reconhecer que, graças a ela, a informação não é mais privilégio de poucos, e o que vale não é apenas possuí-las, mas interpretá-las, em outras palavras, transformar informação em conhecimento. Não basta possuir uma infraestrutura moderna de comunicação; é preciso capacidade para converter informação em conhecimento. Assim ressalta Alarcão (2003):

Eu diria que, primeiro que tudo, os professores têm que repensar o seu papel. Se é certo que continuam a ser fontes de informação, têm de se conscientizar que são apenas uma fonte de informação, entre muitas outras. Deve, no entanto, salientar-se que o seu valor informativo tem níveis diferentes conforme o acesso que os seus alunos puderem ter

a outras fontes de informação. É fundamental que os professores percebam esta diversidade. Haverá alunos que não vão precisar muito da informação substantiva dos professores, embora precisem da informação processual no sentido de a digerirem e criticarem (ALARCÃO, 2003, p.31).

É evidente o papel fundamental do professor na sociedade da informação, a necessidade de inovar e acompanhar essas tecnologias para não ficar ultrapassado, pois a tecnologia na educação requer um olhar mais abrangente, envolvendo novas formas de ensinar e de aprender condizentes com o modelo da sociedade do conhecimento, o qual se caracteriza pelos princípios da diversidade, da integração e da complexidade.

AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE

A cada dia, as tecnologias se afirmam nos diversos segmentos sociais, induzindo pesquisadores a considerar a proliferação de computadores e de toda uma postura baseada na cultura da informática como pressuposto para a identificação de um novo modelo de sociedade, definida como digital.

Em cada ambiente, a sua ausência é expressão de atraso. Uma pessoa que não possui um conhecimento básico sobre informática é vista como sendo subdesenvolvido, um indivíduo atrasado, quer social, quer profissionalmente. Quem o possui, por outro lado, parece predisposto a enfrentar com tranquilidade qualquer situação.

Os meios digitais têm um enorme potencial para o ensino, mas é difícil realizar esse potencial se eles são considerados apenas tecnologias e não formas de cultura e comunicação.

Percebe-se que as preocupações existem, mas não contemplam o problema completamente. Os equívocos em relação ao uso do computador no ambiente escolar são diversos; podemos dizer que são de ordem estrutural, social, econômica e pedagógica. É certo que as tecnologias digitais são inevitáveis na vida moderna, não há como ignorá-las, nem tampouco impedir o acesso, a interação dos alunos aos recursos midiáticos; o que nos falta é instrução e preparo para lidar com tais recursos, e entender que a tecnologia por si só não faz milagres, nem interfere na aprendizagem dos educandos de forma positiva.

Essa nova relação é um grande desafio para a escola, já que as informações disponíveis na *Internet* são muito maiores do que as que se tem acesso a partir dos professores na sala de aula. A escola entendida como espaço de produção e transmissão do conhecimento precisa abrir-se às novas e diferentes formas de comunicação. Essa afirmação parte da necessidade da inserção positiva da tecnologia na sala de aula e na vida de professores e alunos.

Dias e Guimarães (2006) destacam que uma educação comprometida com o desenvolvimento e a construção de conhecimentos não pode restringir-se a oferecer caminhos únicos ancorados em currículos áridos e enciclopédicos, desvinculados de contextos significativos para o aluno. E numa sociedade dita da informação e do conhecimento a escola não pode ficar a reboque das transformações que estão sendo possibilitadas pelas tecnologias digitais.

O fazer educativo deve ser pautado também na contemporaneidade. Não se defende aqui o total abandono do processo tradicio-

nal, do “novo” em detrimento do “velho”, no entanto, é preciso enfatizar que os métodos de ensino e os recursos metodológicos utilizados na sala de aula, merecem ser revistos em função de novos ambientes de aprendizagem e do perfil de aluno que ora se configura numa sociedade que aprende e se desenvolve.

Demo (2009) diz que não há mais como procurar subterfúgios para retardar essa cooperação entre tecnologias e educação. As tecnologias, não podem ignorar a pedagogia, ou enfurecer-se com o seu atraso, porque a parceria parece inevitável, além de desejável. A pedagogia tecnologicamente correta teria a pretensão de estabelecer com as novas tecnologias a cooperação marcada pela reciprocidade respeitosa e produtiva.

Pode-se dizer que a pedagogia se encontra em processo de apropriação da tecnologia, principalmente no que diz respeito ao uso do computador e da internet, ainda não estamos tecnologicamente corretos. Alguns equívocos colaboram para o distanciamento entre a tecnologia da comunicação e informação e a escola. A distância aqui entendida como afastamento dos objetivos propostos para tecnologia – o computador/internet – na educação. Não se trata apenas de uma distância física, material, mas de conhecimento, de um saber pedagógico.

Referenda-se que as tecnologias não substituem o professor, porém podem possibilitar mudanças em sua metodologia. O Professor assume uma nova postura para poder acompanhar todo esse avanço, transforma-se agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, desenvolvendo o papel de mediador pedagógico facilitando e motivando a aprendizagem do aluno, como orienta Silva:

É preciso enfatizar: o essencial não é a tecnologia, mas um novo estilo de pedagogia sustentado por uma modalidade comunicacional que supõe interatividade, isto é, participação, cooperação, bidirecionalidade e multiplicidade de conexões entre informações e atores envolvidos. Mais do que nunca o professor está desafiado a modificar sua comunicação em sala de aula e na educação. Isso significa modificar sua autoria enquanto docente e inventar um novo modelo de educação (SILVA, 2000, p.15).

O educador precisa buscar alternativas de dinamizar suas aulas, e principalmente capacitar-se, para que este possa explorar mais e com qualidade os recursos advindos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). É visível a dificuldade que muitos professores têm em acompanhar essa nova pedagogia tecnológica, enquanto os alunos as usam e dominam. É preciso encantar os jovens, convencê-los com bons argumentos. O professor é essencial e uma de suas funções mais importantes é o seu olhar crítico sobre a tecnologia, ele tem que mergulhar no mundo tecnológico, porque só se pode questionar o que se conhece por dentro.

O professor aparece nesse cenário como elo fundamental entre a tecnologia e o aprendiz/educando, porém sentimos uma grande resistência dos mesmos em aceitar as novas ferramentas de ensino e aprendizagem. A falta de formação adequada para lidar com aparatos tecnológicos no cotidiano escolar, a preferência por continuar acreditando em uma teoria única - na tradição instrucionalista do argumento da autoridade - explica parte do despreço deles em relação aos meios tecnológicos, porém não justifica o não reconhecimento da sua importância no cotidiano da escola.

Ainda nesta linha de pensamento, Porto (2006) lembra que a maioria dos docentes se vê apenas como usuário/telespectador dian-

te das TIC. A preparação social, e/ou pedagógica para seu uso não é, na maioria das vezes, cogitada.

A tecnologia introduz mudanças, para as quais o professor precisa preparar-se, pela razão fundante de que é essencial que entre nesse processo como sujeito, não como objeto arrastado, tragado. A consciência de que é preciso desconstruir saberes normatizados, impostos ao longo do tempo, que determinaram a postura do professor apenas como transmissor de conhecimentos, “ô sabe tudo”, é fundamental para a construção de novos saberes, novas posturas, de olhares inquietos sobre o novo.

Para transformar este cenário, deve-se tomar conhecimento destas novas necessidades e assim trazer soluções para a prática educacional, adequando-se às diferentes realidades das escolas, pois as tecnologias não se estabelecem sozinhas, elas se apoiam e promovem resultados através de seus idealizadores.

Para Moran (2007), a modificação na educação, depende de alguns fatores: em primeiro lugar, termos professores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas que saibam motivar e dialogar. Ressalta, ainda, que o educador autêntico é humilde e confiante. Mostra o que sabe e, ao mesmo tempo, está atento ao que não sabe, ao novo.

Já Masetto (2009) reforça a ideia de que o professor precisa assumir uma nova postura diante das inovações tecnológicas. Embora, vez por outra, ainda desempenhe o papel do especialista que possui conhecimento e/ou experiências a comunicar, no mais das vezes desempenhará o papel de orientador das atividades do aluno, de consultor, de facilitador da aprendizagem, de alguém que pode colaborar para dinamizar a aprendizagem do aluno, desempenhará o papel de

quem trabalha em equipe, junto com o aluno buscando os mesmos objetivos; enfim desenvolverá o papel de mediador pedagógico.

Entretanto, o processo de modificação não depende apenas de professores e alunos, mas também de termos administradores, diretores e coordenadores mais abertos, que entendam todas as dimensões que estão envolvidas no processo pedagógico, além das empresariais ligadas ao lucro; que apoiem os professores inovadores, que equilibrem o gerenciamento empresarial, tecnológico e o humano, contribuindo para que haja um ambiente de maior inovação, intercâmbio e comunicação. Segundo Valente:

As práticas pedagógicas inovadoras acontecem quando as instituições se propõem a repensar e a transformar a sua estrutura cristalizada em uma estrutura flexível, dinâmica e articuladora. No entanto, como isto pode ser possível em projetos de grande dimensão que atingem todo um país ou, por outro lado, em escolas isoladas? A possibilidade de sucesso está em se considerar os professores não apenas como os executores do projeto, responsáveis pela utilização dos computadores e consumidores dos materiais e programas escolhidos pelos idealizadores do projeto, mas principalmente como parceiros na concepção de todo o trabalho. Além disso, os professores devem ser formados adequadamente para poderem desenvolver e avaliar os resultados desses projetos (VALENTE, 1998, p.17).

É importante fazer uso do potencial educativo das tecnologias da informação e da comunicação, pois sem o suporte tecnológico, ficam comprometidas as chances de aumentar a variedade e a diversidade necessárias à sala de aula contemporânea, pois o valor da tecnologia não está nela e em si mesmo, mas depende do uso que dela fazemos.

Comunga-se com a ideia de que variedade e diversidade de aparatos tecnológicos – desde o uso de transparências, apresentações em quadro-negro ou *Power Point* até a internet - na sala de aula, não garantem mudanças significativas no contexto educacional. Pois, na maioria das vezes, por meio desses recursos são reproduzidas as mesmas atitudes, o mesmo paradigma educacional pelo qual fomos formados.

Então, entende-se que o saber pedagógico, aquele referente ao uso, à finalidade, deve permear todo processo de articulação entre tecnologia e educação. Pois como já foi dito, atualmente não se concebe pensar em sociedade sem a presença da tecnologia, e a escola deve anunciar e fazer uso desses novos paradigmas corretamente, com intuito de promover à autonomia, a inclusão, a disseminação de várias formas de ensinar e aprender.

Assim, as tecnologias de informação e/ou comunicação possibilitam ao indivíduo ter acesso a uma ampla gama de informações e complexidades de um contexto (próximo ou distante) que, num processo educativo, pode servir como elemento de aprendizagem, como espaço de socialização, gerando saberes e conhecimentos científicos.

Neste contexto, Porto (2006) faz algumas observações sobre o potencial educativo que a tecnologia pode proporcionar no que diz respeito à rapidez, recepção individualizada, interatividade e participação, hipertextualidade, realidade virtual e digitalização/ideologia, como recursos que vêm para somar no processo de ensino e aprendizagem.

A rapidez com que as informações são processadas, como chega ao indivíduo em tempo real, muda a forma de ler, de interpretar, de aprender já existente. A forma de apreender o mundo muda principalmente para os jovens, que hoje conectados buscam o conhecimento através das múltiplas linguagens e sentidos que a tecnologia oferece.

AS REDES SOCIAIS NO CIBERESPAÇO

Na sociedade da informação, é preciso reaprender a conhecer e ensinar, com o desenvolvimento das tecnologias digitais e o crescimento das redes interativas, essas novas maneiras de acesso aos saberes, de construir o conhecimento, de comunicar-se e de manter relações sociais estão, cada vez mais, dependentes desse espaço de comunicação: o *ciberspaço*, que Lévy (2009, p.92) define como "o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores".

Os meios de aprendizagem colaborativa nascem como uma resposta à tradicional estrutura estática da internet, começando a seguir uma nova plataforma onde as aplicações são fáceis de usar e permitem que haja muitos emissores, muitos receptores e mais intercâmbios e cooperação. Isso ocorre devido o surgimento da *Web 2.0* que possui ferramentas de comunicação interativas com um novo modelo de relação e de construção do conhecimento, sendo assim, uma nova cultura viabilizada pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).

O grande avanço da internet e da *Web 2.0* proporcionou o surgimento das redes sociais virtuais onde as pessoas podem interagir socialmente se conectando através de seus interesses em comum.

É importante lembrar que as Redes Sociais não surgiram com a tecnologia, há muito tempo que nossa sociedade é composta por grupos sociais que reuniam membros específicos com uma ideologia em comum que formaram suas próprias comunidades. Para Franco (2008), as redes sociais não são uma invenção contemporânea:

Não é agora que a sociedade está se constituindo como uma sociedade-rede. Toda vez que socieda-

des humanas não são invadidas por padrões de organização hierárquicos ou piramidais e por modos de regulação autocráticos, elas se estruturam como redes. O que ocorre na época atual é que a convergência de fatores tecnológicos (como a fibra ótica, o laser, a telefonia digital, a microeletrônica e os satélites de órbita estacionária), políticos, econômicos e sociais, está possibilitando a conexão em tempo real (quer dizer, sem distância) entre o local e o global e, assim, está tornando mais visível a rede social e os fenômenos a ela associados, ao mesmo tempo em que está acelerando e potencializando os seus efeitos, o que não é pouca coisa (FRANCO, 2008, p.43).

Hoje, muito se discute acerca das redes sociais e este referencial é alicerçado por autores contemporâneos que apresentam e analisam a sua configuração, ou seja, a constituição de como as redes sociais se apresentam na sociedade da informação e da comunicação afetando as relações entre as pessoas e a forma como aprendem.

Para Recuero (2009), rede social é gente interagindo socialmente. É um conjunto de pessoas, conectadas a uma estrutura de rede. Cada nó da rede representa um indivíduo e suas conexões, os laços sociais que compõem os grupos. Esses laços são ampliados e alterados a cada novo indivíduo que conhecemos e interagimos.

Já para Castells (1999), rede é composta por um grupo de nós interligados. As redes são estruturas capazes de crescerem de forma ilimitada, incorporando novos nós desde que consigam comunicar-se entre si dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos valores, ideias e objetivos.

Ainda na perspectiva de Franco (2008), redes são sistemas de nodos e conexões. No caso das redes sociais, tais nodos são pessoas e as conexões são relações entre essas pessoas. As relações em questão são caracterizadas pela possibilidade de uma pessoa emitir ou receber

mensagens de outra pessoa. Quando isso acontece de fato, dizemos que se estabeleceu uma conexão.

As pessoas usam as redes sociais para manter contato com os amigos, procurar empregos, conhecer pessoas ou como estratégia de marketing das empresas. Segundo pesquisa do instituto de pesquisa Nielsen de abril de 2010, as redes sociais são acessadas por 66,8% dos internautas no mundo e o *facebook* é a rede social mais popular. Os brasileiros são os internautas que mais participam de redes sociais e 86% dos usuários de internet do país acessam as comunidades virtuais passando cerca de cinco horas por mês nesses sites. Em segundo lugar, estão os italianos com 78% e em terceiro, os espanhóis com 77% dos usuários conectados a essas redes. No Brasil, a rede mais popular da *Internet* é o *Orkut* e os dados comprovam que as redes sociais estão cada vez mais populares entre os jovens e a participação nelas vem aumentando de forma incrível.

REDES SOCIAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

As redes sociais estão cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas em todos os segmentos da sociedade e na educação, não poderia ser diferente, porém este assunto ainda gera muita discussão, pois as escolas proíbem o acesso dos estudantes alegando não ter nenhum aproveitamento pedagógico nessas ferramentas, o que é um grande engano. Mas temos que considerar o fato, que todos precisam aprender a utilizar esses recursos de forma adequada, responsável, que não coloque em risco a sua segurança e a escola não deve se furtar dessa tarefa.

As escolas estão evoluindo de forma muito lenta, quando comparadas aos outros setores sociais e não podem, portanto, impedir

o acesso às redes sociais, temos que educar os alunos a usarem bem essas ferramentas com critérios e responsabilidade. Mesmo que essas redes não tenham sido criadas para fins educacionais, os professores já reconhecem o potencial delas para o ensino.

A internet está cada vez mais presente no sistema educacional e o uso das redes sociais deve ser introduzido no processo pedagógico para romper as paredes da escola, para que aluno e professor possam conhecer o mundo, novas culturas, realidades diferentes, desenvolvendo a aprendizagem através do intercâmbio e aprendizado colaborativo. Para Garcia:

O uso pedagógico das redes oferece a alunos e professores, neste processo, a chance de poder esclarecer suas dúvidas à distância, promovendo, ainda, o estudo em grupo com estudantes separados geograficamente, permitindo-lhes a discussão de temas do mesmo interesse. Mediante esta tecnologia, o aluno sairá de seu isolamento, enriquecendo seu conhecimento de forma individual ou grupal. Poderá fazer perguntas, manifestar idéias e opiniões, fazer uma leitura de mundo mais global, assumir a palavra, confrontar idéias e pensamentos e, definitivamente, na sala de aula não ficará mais confinada a quatro paredes. Isto quer dizer que o uso desta tecnologia poderá criar uma nova dinâmica pedagógica interativa, que se inserida num projeto pedagógico sólido, sem dúvida, contribuirá e muito para a formação moderna dos alunos (GARCIA, 2000, p.5).

Espera-se que as redes sociais não apenas contribuam com a educação, mas estimulem mudanças positivas nos métodos de ensino, aprendizado e estudo, pois com o surgimento da *web 2.0* permitindo a interação mútua, essa relação acontece por meio de softwares e *sítes* que conectam os usuários a diversas linguagens e Comunidades Virtuais, onde um grupo de pessoas se comunica e interage de acordo

com suas afinidades. Para elucidarmos tal afirmação veja o que diz Recuero:

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço] (RECUERO, 2005, p.5).

A relação de comunicação e de interatividade entre os usuários se faz através de variadas formas de linguagem, sejam iconográficas, audiovisuais ou textuais. Sendo assim, o leitor não é um simples receptor de informações, mas interfere, manipula, modifica, reinventa. A partir dessas leituras, a sistematização das informações não é considerada estática e isoladamente, e sim como um grande hipertexto, que constantemente é resignificado e reelaborado. Nessas práticas discursivas, é possível uma interação verbal e visual viva, significativa que desenvolve a argumentação e leva consequentemente a uma maior apropriação dos temas a serem debatidos, organizados, apreendidos.

OS DADOS E SUA ANÁLISE

A coleta dos dados foi realizada por meio da estatística descritiva utilizando, também, medidas estatísticas como: figuras formato de pizza, que foram criadas com o *software Excel*. Os dados coletados trazem as vozes dos alunos para compreensão ativa dos adolescentes acerca das redes sociais e o processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Bakhtin (1988), conseguiu-se realizar uma interlocução, uma interação verbal na qual houve um falante e um

ouvinte que se alternaram e se engajaram em um processo discursivo dialógico.

Os dados obtidos indicaram que 61% dos alunos da rede pública e 63% da rede particular acessam internet todos os dias, existe uma pequena disparidade entre as duas escolas no que se refere à quantidade de pessoas que nunca acessam a internet que é de 10 % na escola particular e 0% na rede pública. Este dado do não acesso da escola particular aponta que o aluno da escola pública não está tão distante dos meios digitais quando se trata de acesso e comunicação.

FIGURA 1 - Escola pública - frequência de acesso à Internet

FONTE - As autoras

FIGURA 2 - Escola particular - frequência acesso à Internet

FONTE - As autoras

As figuras 3 e 4 indicam que mais de 60% dos alunos acessam o Orkut em ambas as escolas, o que confirma os dados da pesquisa realizada pelo instituto Nielsen que o *Orkut* é a rede social mais acessada no Brasil (na época, cito 2010), porém, na escola particular, o *MSN* é a rede mais acessada pelos jovens. E também se constata que o *Twitter* tem um número significativo de participantes nas duas escolas, com 16% na escola pública e 9% na escola particular confirmando o grande crescimento desta rede social no Brasil nos últimos tempos.

FIGURA 3 - Escola pública - redes sociais que os alunos participam
FONTE - As autoras

FIGURA 4 - Escola particular - redes sociais que os alunos participam
FONTE - As autoras

As figuras 5 e 6 mostram que 65% dos jovens da escola pública e 97% da escola particular utilizam as redes sociais para realizarem pesquisas escolares. Esse resultado demonstra que o uso das redes sociais para fins educativos está se consolidando entre jovens, mesmo quando não são solicitados pelos professores, pois a presença das tecnologias vem provocando mudanças na Educação, criando novas formas de aprendizado, disseminação do conhecimento e, especialmente, novas relações entre professor e aluno.

FIGURA 5 - Escola pública - uso das redes sociais para realizar pesquisa
FONTE - As autoras

FIGURA 6 - Escola particular - uso das redes sociais para realizar pesquisa
FONTE - As autoras

As disciplinas de Geografia e História são as que os alunos mais encontram material nas redes sociais (figuras 7 e 8), quando eles realizam pesquisas, o resultado oscila entre os 23% e 30% nas escolas pública e particular, em segundo lugar, vem Português com 18% e 14% e depois Inglês que obteve um número significativo de 18% na escola pública como se aponta na figura 7. Salienta-se a importância da mediação do professor aos alunos sobre pesquisas na internet já que a rede disponibiliza todo e qualquer tipo de material, mas é preciso que seja um material útil e significativo a construção da aprendizagem do aluno. Sabe-se que a aquisição da informação dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias trazem dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente e o papel do professor é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los.

FIGURA 7 - Escola pública - disciplinas que mais encontram material para estudar nas redes sociais

FONTE - As autoras

FIGURA 8 - Escola particular - disciplinas que mais encontram material para estudar nas redes sociais

FONTE - As autoras

Nos dados das figuras 9 e 10, verifica-se que o percentual de professores conectado aos alunos através de redes sociais é um pouco maior na escola pública com 50% e 33% na escola particular. Este número ainda é considerado pequeno, demonstra que os professores ainda estão se inserindo neste novo contexto tecnológico. Tal dificuldade é enfatizada por Moran:

As mudanças demorarão mais do que alguns pensam, porque nos encontramos em processos desiguais de aprendizagem e evolução pessoal e social. Não temos muitas instituições e pessoas que desenvolvam formas avançadas de compreensão e integração, que possam servir como referência. Predomina a média - a ênfase no intelectual, a separação entre a teoria e a prática (MORAN, 2008, p.16).

A educação precisa acompanhar as mudanças em um ritmo mais acelerado, a sociedade evoluiu e educar tornou-se mais complexo, pois as tecnologias exigem formas dinâmicas de ensinar e aprender, onde o grande desafio dos professores é fazer com que o aprendizado se torne significativo e para que isso aconteça é preciso ousar, criar e refletir sobre sua prática de ensino diante das tecnologias. Na

visão de Lévy (1999), a função do professor não deve estar focada na mera transmissão dos conhecimentos, o aprendizado precisa ser construído através de incentivo, o professor precisa ser um incentivador da construção do conhecimento de seus alunos.

FIGURA 9 - Escola pública - professores conectados aos alunos através das redes sociais

FONTE - As autoras

FIGURA 10 - Escola particular - professores conectados aos alunos através das redes sociais.

FONTE - As autoras

Na época da pesquisa, as figuras 11 e 12, apontam que o *Orkut* e o *MSN* em ambas as escolas eram as redes sociais que os professores mais utilizavam para se conectar com os alunos. Na escola pública, o percentual é de 30% *Orkut*, 50% *MSN*, 14% *Twitter*, 3% *Blog* e 3% *Facebook*, já na escola particular surgem apenas duas redes sociais: o *Orkut* e *MSN* com 47% e 53% . Percebe-se que os professores da escola pública trabalham com várias redes mesmo que ainda com um número reduzido.

FIGURA 11 - Escola pública - redes sociais que os alunos estão conectados aos professores

FONTE - As autoras

FIGURA 12 - Escola particular - redes sociais que os alunos estão conectados aos professores

FONTE - As autoras

Segundo Masetto (2000), a mediação pedagógica significa a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador e motivador da aprendizagem, ou seja, uma ponte móvel entre o aprendiz e sua aprendizagem que ativamente contribui para que o aprendiz chegue aos seus objetivos.

As figuras 13 e 14 apontam que os alunos se preocupam com o que escrevem nas redes sociais quando são solicitados pelos professores. O percentual de 39% da escola pública respondeu que se preocupa com o que as pessoas vão pensar em relação ao que escreveu, por isso tem mais atenção na hora de elaborar seu texto e 39% responderam que o fato de serem solicitados pelos professores, eles são forçados a estudar mais. Já na escola particular, apenas 10% revelam que têm essa preocupação ao escrever e 64% dizem ser forçados a estudar mais para elaborar a escrita. Os resultados apontam que, quando os professores trabalham com as redes sociais para realizar atividades junto aos seus alunos, eles provocam ações colaborativas instrumentalizadas pelas tecnologias, assim enfatiza Almeida:

O uso das TICs na escola, principalmente com o acesso à internet, contribui para expandir o acesso à informação atualizada, permite estabelecer novas relações com o saber que ultrapassam os limites dos materiais instrucionais tradicionais, favorece a criação de comunidades colaborativas que privilegiam a comunicação e permite eliminar os muros que separam a instituição da sociedade (ALMEIDA, 2003, p.114).

Dessa forma, o educador deixa de ser dono do conhecimento e transforma-se no incentivador e facilitador do ensino-aprendizagem, tanto na sala de aula, como fora dela.

FIGURA 13 - Escola pública - a dedicação na elaboração do texto quando são solicitados pelo professor

FONTE - As autoras

FIGURA 14 - Escola particular - a dedicação na elaboração do texto quando são solicitados pelo professor

FONTE- As autoras

Nas falas dos adolescentes, entende-se que o fato de participarem de uma rede social por intermédio do professor desperta no aluno uma maior responsabilidade na hora de se expressar e escrever sua opinião. A pesquisa revelou, por unanimidade, que os alunos destacam a facilidade no processo de aprendizagem e também o fortalecer da relação com o professor. Isto fica evidente nas vozes dos alunos da rede pública e particular quando perguntados sobre como se sentem em saber que podem manter contato com seus professores através das redes sociais.

“Sim, pois você sente que aumenta mais a comunicação fora da sala, é muito bom poder manter contato com o professor dessa forma você se torna mais amiga dele” (Aluno A- Escola Pública, informação verbal).

“É bom, pois estamos mantendo contato mesmo sem está na escola” (Aluno B- Escola Pública, informação verbal).

“Sim, pois você sente que aumenta mais a comunicação fora da sala, é muito bom poder manter contato com o professor dessa forma você se torna mais amigo dele” (Aluno A- Escola Particular, informação verbal).

“É bom, pois estamos mantendo contato mesmo sem está na escola” (Aluno B- Escola Particular, informação verbal).

Através dessas falas, fica claro que se não der voz ao aluno, impede-se seu processo de compreensão ativa. Para Bakhtin (1988), uma situação compartilhada favorece a aprendizagem.

A proximidade entre professores e estudantes nas redes sociais fortalece a relação no ensino presencial permitindo, assim, uma maior proximidade entre eles, por estes e outros motivos, as redes sociais educacionais evidentemente contribuem para o aprendizado quando utilizadas com responsabilidade e sabedoria pelos difusores da informação.

Quando perguntados se os professores, que procuram utilizar sites de relacionamento, enriquecem a disciplina que lecionam e

mantêm aquecida a relação professor aluno, os alunos foram unânimes em responder de forma afirmativa:

“Sinto-me bem, pois isso me passa confiança e pode até melhorar o convívio com o professor em sala de aula” (Aluno C- Escola Pública, informação verbal).

“Desperta um certo conforto, pois em sala de aula temos o professor como uma autoridade e numa rede social o espírito autoritário se converte numa companhia interativa” (Aluno D- Escola Pública, informação verbal).

“Sim porque hoje em dia existem vários meios para enriquecer a disciplina e nos colocar por dentro do assunto” (Aluno C- Escola Particular, informação verbal).

“Sim porque o aprendizado fica mais dinâmico”(Aluno D- Escola Particular, informação verbal).

Para Moran (2000), bons educadores seduzem os alunos não apenas com ideias, mas também pelo contato pessoal, seja na sala de aula ou fora dela sempre surpreende com algo, na forma de se relacionar, olhar, comunicar e agir. São poços abundantes de descobertas.

As mudanças na educação não dependem apenas dos professores, mas também de termos governantes, diretores e coordenadores mais abertos, que compreendam todas as dimensões que abrangem o processo pedagógico, que apoiem os professores contribuindo para que haja um ambiente de maior inovação, intercâmbio e comunicação.

Nesta análise, acredita-se no fato de que a construção do conhecimento é adquirida através de novos processos metodológicos de aprendizagem, pois estes permitem às instituições escolares um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo, pois é inegável que a presença de tecnologias digitais da informação e da comunicação propiciam aos professores e alunos uma reformulação de suas relações de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia sem dúvida tem conquistado espaço na sociedade, dia após dia, somos surpreendidos com novas invenções que superam inclusive as nossas expectativas. Na esfera da educação, muito ainda precisa ser feito, pois a tecnologia requer um olhar mais abrangente, envolvendo novas formas de ensinar e de aprender, condizentes com o modelo da sociedade do conhecimento, o qual se caracteriza pelos princípios da diversidade, da integração e da complexidade.

A escola vista como espaço de construção do conhecimento e de inclusão deve abrir as portas para a nova Era da Informação e da Comunicação, incentivar e motivar os professores a abandonar metodologias tradicionalistas e usar novas metodologias que incorporem as TDIC, tais como as redes sociais.

É importante destacar que o uso das redes sociais tem contribuído para uma melhor relação entre professores e alunos facilitando assim o processo de ensino e aprendizagem.

É possível elucidar alguns achados do estudo que merecem atenção como: A maioria dos jovens acessa *Internet* todos os dias, esta informação demonstra que eles já incorporaram rapidamente

as tecnologias. Um percentual de 10% de alunos da rede particular nunca acessa a *Internet*, isto comprova que os alunos da escola pública em termos de inclusão digital não estão em desvantagem em relação à escola particular. Todos os alunos entrevistados fazem parte de alguma rede social, ficando evidente que não se podem ignorar estes importantes meios de comunicação e interação tão presentes nas vidas dos adolescentes. Mais de 65% acessam as redes para realizarem pesquisas escolares e este dado comprova que os alunos têm utilizado as redes para fins educativos, mesmo quando não são solicitados pelos professores. O número de professores conectados aos alunos através de redes sociais ainda é pequeno se comparado ao avanço da tecnologia. Os alunos têm mais cuidado com o que escrevem nas redes sociais quando sabem que os professores têm acesso ao seu texto. Os adolescentes por unanimidade relatam que o contato com os professores, através das redes sociais, contribui consideravelmente para uma boa relação entre eles.

Diante de tais colocações, fica evidente a necessidade dos professores acompanharem com mais entusiasmo o avanço tecnológico, pois numa sociedade em que tudo se transforma com muita rapidez, é preciso que estejam atentos à sua própria formação para trabalhar efetivamente com as tecnologias, filtrar as ferramentas que não trazem mudanças positivas nas práticas educativas e se apropriar daquelas que podem construir uma nova escola, apropriada à Era da Informação e do Conhecimento.

Neste contexto, é importante lembrar que o uso das redes sociais pode contribuir significativamente com o processo de ensino e aprendizagem, bem como expandir o que é aprendido em sala de aula desde que sejam trabalhadas de forma criativa, pois um dos pontos

positivos das redes é a participação ativa dos alunos na construção de sua própria aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003, p.31.

ALMEIDA, M. E. B.; VIEIRA, A. T. ALONSO, M. (Orgs). **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2003, p.14.

BAKHTIN, M. M. (Voloshinov, V.) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BENCINI, R. Da informação ao conhecimento. **Revista Nova Escola**, jun/jul, 2002.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A era da informática: Economia, Sociedade e Cultura, v.1. São Paulo: Paz e terra, 1999.

DEMO, P. **Educação hoje**: “novas”tecnologias, pressões e oportunidades. São Paulo: Atlas, 2009.

GUIMARÃES, Â. M; DIAS, R. Ambientes de aprendizagem: reengenharia da sala de aula. In: **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANCO, A. **Escola de redes**: novas visões sobre a sociedade, o desenvolvimento, a internet, a política e o mundo globalizado. Curitiba: Saturnos Assessoria em Comunicação Social S/C Ltda, 2008, p.43.

GARCIA, P. S. **Qualidade e informática**: a escola pública do ano 2000. Artigo apresentado e publicado no Congresso Nacional de Informática Pública (CONIP) 1995, p.5.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999, p.99.

LÜDKE, M; MOREIRA. A.F. B; CUNHA. M.I. Internacionais sobre a formação de nossos professores. Repercussões de tendências. In: **Revista Educação & Sociedade**. (Cedes), n. 68. Campinas/SP, 1999.

MASSETO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORAN, J. M. Novos caminhos do ensino à distância. **Informe CEAD - Centro de Educação à Distância**, Ano 1, n. 5, out/nov/dez. Rio de Janeiro: SENAI, 1994.

MORAN, J. M. **Mudanças na comunicação pessoal**: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica. São Paulo: Paulinas, 1998, p.16.

_____. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

PORTO, M. E. As tecnologias de comunicação e informação na escola: relações possíveis... relações construídas. **Revista Brasileira de Educação**. v.11, n.31, jan/abr. 2006, p.43-57.

RECUERO, R. **Redes sociais da internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. Comunidades virtuais em redes sociais na internet: uma proposta de estudo. **E-Compós**, v.4. Brasília, 2005.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000, p.15.

VALENTE, J. A. Informática na educação: a prática e a formação do professor. In: **Anais** do IX ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino). Águas de Lindóia, 1998, p.17.